

A hora e a vez dos contos de fada

Mateus Yuri Passos

Contos de fada servem apenas para a fruição infantil? Possuem algum significado para além das peripécias fantásticas e do final feliz? O que têm a dizer aos adultos de hoje? Que novas formas assumem para chegar a esse público? Esse é o conjunto principal de perguntas a que Carolina Chamizo Henrique Babo se propõe a responder em seu primeiro livro, *Era uma vez... Outra vez: a reinvenção dos contos de fada*. Ao procurar amadurecer a recepção dessas narrativas populares, a obra parece disposta a dar alguns passos adiante ao trabalho de autores como Joseph Campbell e Ernst Cassirer, que identificaram a complexidade de significados na tessitura dos mitos e ajudaram a dar novos rumos ao estudo das mitologias, assim como suas releituras em novas produções culturais.

O ponto de partida do livro é a nova força que narrativas fantásticas vêm ganhando sobretudo no cinema – o divisor de águas, para Carolina Babo, é a estreia mundial dos primeiros filmes das séries *Harry Potter* e *O Senhor dos Anéis* em dezembro de 2001. Antes disso, certamente, as lendas e contos de fada não estavam esquecidos: a própria autora faz a ressalva de que já havia filmes e musicais baseados em várias dessas histórias, além de romances fantásticos que ecoam algumas delas – como *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, e *A História Sem Fim*, de Michael Ende –, além das célebres animações da Disney, que por muito tempo pareciam ter firmado no imaginário popular uma espécie de “versão definitiva” dessas narrativas.

(Não podemos nos esquecer também da adaptação de contos de fada para o teatro – como a célebre série dos anos 1980 *Faerie Tale Theatre*, produzida e

**Era uma vez...
Outra vez:
a reinvenção dos
contos de fada**

Carolina Chamizo
Henrique Babo

Curitiba: Appris, 2016, 150 p.



apresentada por Shelley Duvall, transmitida no Brasil nos anos 1990 pela TV Cultura –, da produção operística do final do século XIX e início do século XX – especialmente as obras de Richard Wagner, Siegfried Wagner, Richard Strauss, Engelbert Humperdinck, Béla Bartók, Antonín Dvořák e Nikolai Rimsky-Korsakov – e de sistemas de *role-playing games* como *Dungeons & Dragons* e *Vampiro: a máscara*, que levam os jogadores a não apenas conviver mas por vezes assumir a identidade de criaturas lendárias).

Porém, na maior parte desses exemplos as produções se caracterizavam como produtos de nicho, com alcance limitado, quando não voltadas especificamente a um público infantil – o que as fazia passar por um processo de filtragem que eliminava elementos narrativos fortemente sexuais ou violentos, considerados pela indústria como impróprios para a fruição das crianças.

A singularidade que a autora de *Era uma vez... Outra vez* identifica se deve a um

binômio de fatores: em primeiro lugar, o lançamento de uma grande diversidade de produtos de cultura de massa adaptados ou inspirados em elementos de contos de fada; em segundo, o seu direcionamento ao público adulto, com tratamento por vezes bastante sombrio, “desencantado”. Esse complexo processo de desencantamento acaba por dar uma nova força às narrativas, trabalhando os arquétipos presentes nas lendas antigas e nas diversas reconfigurações que tiveram ao longo dos séculos.

O livro resulta da dissertação de mestrado que a autora desenvolveu na Faculdade Cásper Líbero sob a orientação de Dimas A. Künsch. Em busca de uma expansão e complexificação epistemológica a pesquisa, como as demais investigações integradas ao projeto “A compreensão como método”, procurou identificar nos contos de fada não meras narrativas para passar o tempo ou entreter crianças, mas mergulhos no inconsciente, tentativas de lidar com os mais profundos temores e desejos humanos e deles extrair algum sentido ou ensinamento. Em diálogo especialmente com Campbell, Cassirer e Jung, o primeiro capítulo da obra, “O retorno da magia”, lida precisamente com essa dimensão dos contos de fada, sugerindo inclusive períodos de auge, declínio e retomada dessas narrativas.

No capítulo seguinte, “Reinvenções (des) encantadas”, a autora nos transporta para os séculos XX e XXI ao tratar daquilo que interessa diretamente a sua pesquisa: as apropriações de tramas ou elementos pontuais dos contos de fada em produções audiovisuais e literárias contemporâneas. Problematisa, a princípio, as profundas modificações implementadas sobre o material originalmente compilado a partir de narrativas orais – transformadas a ponto de Babo preferir designá-las como reinvenções. A priorização do entretenimento e do consumo faria com que essas histórias, mesmo quando diretamente adaptadas, perdessem muito do anseio em responder ao inconsciente; manteriam,

porém, o uso de uma série de elementos arquetípicos, sobre os quais a autora se debruça a seguir, apresentando duas grandes categorias, a das reinvenções diretas – nas quais os arquétipos são facilmente identificáveis e desempenham papel bastante semelhante ao do material de origem – e as indiretas, nas quais assumem novas formas e parecem por vezes se amalgamar.

Um dos pontos mais interessantes deste ponto do livro é a surpreendente identificação de elementos de contos de fada em *Cinquenta tons de cinza*, de E. L. James – principalmente com a lenda do Barba Azul –, além de paralelos com a série *Crepúsculo*, preparando o terreno para o capítulo final, “Era uma vez... Outra vez”. Nele, trata da tetralogia de Stephanie Meyer sobre vampiros e lobisomens e suas adaptações cinematográficas, nas quais identifica a forte influência de lendas e contos de fada bastante conhecidos do público atual – “A Bela e a Fera”, “A pequena sereia”, “O patinho feio”, “A bela adormecida”, “Branca de Neve”, “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho” – e mesmo de mitos – Eros e Psiquê; e na própria estrutura narrativa de *Crepúsculo* Babo reconhece a progressão a que Campbell denominou Jornada do Herói.

A principal força do livro é justamente o olhar atento da autora em identificar vestígios inesperados de contos de fada em produções que não buscam chamar a atenção para essas fontes. A leitura de *Era uma vez... Outra vez* revela um empreendimento de pesquisa bastante relevante, não apenas para o *fandom* das obras que discute, mas para todos os estudiosos das mídias de massa interessados na apropriação de elementos simbólicos e na reconfiguração de seus discursos.

Mateus Yuri Passos é doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp e pesquisador pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.